

Manifesto

Afasia

Para nomear os bois é preciso reconhecê-los. Mas o que eu vejo é o vazio. E ainda que do vazio eu reconheça as beiradas, não sou capaz, não sou capaz de dar nome aos bois.

Suspendê-los no tempo, suturá-los entre os próprios limites e submetê-los, prisioneiros, de uma única luz, para que assim, nomeados, se fizessem expostos, eles e eu, não. Proponho que busquem as frestas, e percebam que a luz que atravessa por elas é reveladora.

Não pensem nas peças, nas montagens, o todo é o próprio buraco, a parte que escapa de cada parte, o que o olho procura quando não vê. E assim como aos quebra-cabeças são intrínsecos os espaços, também aos encenadores é pertinente a percepção das margens, que nelas é que residem as nuances que diferem as reproduções.

Se na penumbra eu posso ver dos bois somente as manchas e então dizê-los sapos, torná-los pedras, fazê-los plantas, e a cada encontro provocado obter de novo o novo é que me torna tão complexo encerrar os bois em termos, por ser incapaz de agrupá-los de todas as suas infinitas possibilidades.

É certo que nem toda potência é um vazio, todavia todo o vazio é uma potência.

Eu busco o vazio, o furo, a fenda, o racho, o rasgo, o que é passível de nomear, mas não tem nome. O conceito que pulsa, o conceito que se *criará* nas circunstâncias do agora.

E embora só de dizer vazio, "*vazio, eu disse, e já não era.*¹".

$1+1=N, N>2$.

¹ Trecho que escrevi em Advertir-se, texto que estou desenvolvendo.

again

agora e ainda

(a silhueta)

Ele ri, constantemente, sozinho, sentado em seu canto, ele ri.

Ele gargalha como se alguém lhe tivesse contado uma piada, ou lhe feito cócegas, ou como se todos ao seu redor rissem, assim como, ele ri.

Ele anota coisas em um papel, coisas que ninguém irá ler além dele mesmo, ele bebe café e fuma muitos cigarros. Ele deixa o papel de lado e lê um livro, ou dois. Ele se levanta, vagueia por um tempo e volta. Ele fica instantes, longos, olhando para um mesmo ponto, sem. Ele fica olhando. Ele anota coisas em um papel, coisas que ninguém irá ler além dele mesmo, ele bebe café e fuma muitos cigarros. Ele deixa o papel de lado e lê um livro, ou dois. Ele se levanta, vagueia por um tempo e volta.

Ele ri, constantemente, sozinho, sentado em seu canto, ele ri.

Sorrir é diferente. Ele ri.

Aproxima-se dele o homem.

Ele demora a perceber o homem.

Ele ri, sozinho.

O homem sai.

Ela espera o que por ela não espera, mas ela, está ali.

Ela procura o que ninguém lhe escondeu, tateia os sons, os vincos, as frestas. Ela procura o que não se encontra onde, nem quando, nem nunca e ela, espera.

Ela mira, caçando o que pode acontecer, o que pode acontecer e só ela espera e ninguém mais além dela própria. Ela espreme as mãos, os dedos, as peles envoltas nas unhas. Ela conta o tempo e ruma as horas. Ela pensa o que pode acontecer e só ela pensa e nada. Ela espreme as mãos, os dedos, as peles envoltas nas unhas. Ela conta o tempo e ruma as horas. Ela pensa o que pode acontecer e só ela pensa e nada mais além dela própria.

- Que eu fico a esperar o próximo e do próximo sempre o próximo e o outro, e o outro...

Será isso mesmo?

Que eu passo a esperar que chegue e sempre chegue e chegue e chegue...

Você sabe para onde você vai?

Eles vão chegar.

E quem são eles?

O um é sempre o outro

E o outro é sempre o próximo

E o próximo é sempre passa

Assim, como, eu passo

Nesse passo desengatado

Sempre um novo vício

Um novo ócio

Um novo ego

Um novo dia

E toda essa proximidade com o amanhã e todas essas horas que sempre se conectam e reconectam e reconfortam e recompõem este relógio.

É sempre um novo dia

Um novo passo

Nova espera

Um novo tipo

Uma nova

Lua nova.

E eu, caminhante, sozinho do tempo.

Serão todos uns fracos? Uns sacos? Uns brotos? Uns poucos?

Seremos todos então fracos brotos e poucos sacos!?

E eu que me canso de ser, nessas horas de se ver passar!

E sempre passa e sem pressa e sempre essa apressa e passa.

Eu vou caminhando, olhando em volta, tudo, tudo é azul. Os pássaros já não se distinguem do céu. Tudo, tudo, tudo é azul! Azul e imenso azul. Azul e mais azul. E por cima um filtro de delicadeza que ainda nos permite ver os limites de um corpo e de outro corpo azul.

ÀS VEZES É PRECISO MORRER

CONTINUO

Caminhando.

Olhando em volta, tudo, tudo é azul.

Os pássaros já não se distinguem do céu.

Tudo, tudo, tudo é azul.

Um nada de cores onde tudo é azul.

Eu vejo um azul claro e calmo, cheio de anilazulmarinhoazuladoazulãozulazulazulazul.

Todos os dias eu paro e penso se todos os dias não se repetem.

Todos os dias eu penso e paro por que todos os dias não se repetem.

Todos os dias eu me repito e penso e paro e paro e penso e penso e paro e paro e penso.

Todos os dias eu paro e me repito eu me repito e penso.

Todos os dias eu penso e me repito eu me repito e paro.

Aproxima-se dela o homem.

Ela demora a perceber o homem.

Ela espera.

O homem sai.

Há o tempo, não há?

Se eles vão chegar...

Quando vão chegar?

Ele, **o homem**, ele que é **o homem**, ele, **o homem**, ele.

Três passos para além de lá. Dez passos para além de cá. Nem próximo ao céu, nem próximo ao chão.

Ele, **o homem**, ele que é **o homem**, ele, **o homem**, ele.

- Digo, pare com esta risada!

E ele que continua rindo

Digo pare.

E ele rindo.

Peço, chega!

E ele

Ri

Constantemente, sozinho, sentado em seu canto, ele ri.

Havia uma moça que se batia quando não conseguia se conter.

Toda roxa, roxa, roxa, roxa, rosa, roxa, roxa, roxa, rosa, roxa, rosa, roxa.

Nascia no jardim.

Ele, **o homem**, não consegue.

(a sombra)

- Olho para as mãos e não os vejo

Escondidos agora, entre o amanhã e o depois

Entre o que foram

Entre cada um deles o nada

Olho

Para os braços estendidos e o que vejo

É um outro

É um próximo, rerrelato

Relembração

Rememória

Reticências

Olho para os pés e não os vejo

Perdidos entre o chão e o esforço

Circunstâncias

Sussugados

Sussublimes

Sublimados

Mas nunca com tal força que os tire

Mas sempre com tal força que os force

E nunca com tal tempo que os rompa

Mas sempre com tal tempo que os vele

E de que corpo vem se não vão?

E de que tempo tem se não são?

E de que olho olham?

E de que boca cospem?

E se se remodelam e se se redefinem e se se rerrepetem e se se reconfortam em contornos e buracos

Olho

Para o corpo

Para o barco

Para o morro

Para a pia

Para a perna

Para aqueles

Escondidos entre o agora
Escondidos entre o nada
Universos sem perguntas
Se respondem ao infinito
Só respondem
Só respondem
Só respondem
Só repetem

Aproxima-se

Funde-se

Perde-se

Passa-se

(a luz)

É noite. Não é dia.

É noite e não é dia.

Não, é dia.

Não.

É noite.

Não é noite.

Não, é noite.

Não é dia.

É dia.

Não.

Não é noite.

Não é, noite.

É, dia.

Não

Ele, **o homem**, está confuso.

Está frio e não há lua.

Ela, espera

O homem, se aproxima.

O homem, olha

Ela, olha

O homem, olha.

Ela, espera

O homem, diz:

Está azul, azul, azul, azul, azul, azul, azul, azul, azul, azul e mais azul.

E vejo pássaros para além.

Não há noite que suporte tanta luz e nem dia que suporte tanto

Só o azul que eu vejo já me faz.

O homem olha para o céu.

Está frio e não há lua.

O homem se confunde.

Está frio?

Não, há lua.

Há estrelas.

Ele, ri

O homem, se aproxima.

O homem não está confortável.

Ele ri, constantemente.

O homem olha para o céu.

Há, estrelas, não há?

O homem gagueja.

Ele ri.

Eu digo pare.

Ele ri.

Eu peço chega e

O homem fica instantes sem.

Ele e as estrelas continuam.

Algum lugar, entre.

Ela, espera, olha.

Ele ri.

Ela, imita **o homem**, olha para o céu.

Ele ri.

Ela olha

Espera e ri.

Olha, não.

Não olha.

Espera.

Ele, ri

O homem não está.

Ele olha.

Ela ri.

Há?

Não, há.

Há, não há?

O homem não vê.

Caminhando olhando em volta, tudo, tudo, tudo é azul.

CONTINUO

Ela se aproxima.

Ele ri.

Ele se aproxima.

Ela espera.

Está quente e frio, está.

Ela, se aproxima

Ele, ri.

Ele, se aproxima

Ela, espera.

O homem não, mas ela, está ali.

O homem, não.

Não está?

Está.

Não, está.

Está, não está?

Não está, está?

Está não, está, não.

CONTINUO

Ele, se, aproxima

Ela espera.

Ela, se, aproxima

Ele ri.

CONTINUO

Se eles.

O homem, olha para o céu.

Esperam e riem enquanto esperam e riem enquanto.

Ela olha.

Ele olha.

O homem olha.

Ela olha, não.

Ele olha, não.

O homem olha, não.

Ela, não.

Ele, não.

O homem olha para o céu.

Ela olha.

Ele olha.

O homem, para.

Rerreconhecimento

Luz

Luzes

Vagaluzes

Só o que eu reconheço me reconhece

O frio e a lua

Também sabem esperar

E as estrelas tecem risos

Onde nadam peixes bolhas

Salta do azul o que é azul

E tudo é azul e sempre azul

O vão é a viga

E o tempo não tem unhas

Sussutil

Sussucede

Apressa e passa

E para e pensa e pensa e para
Onde as vespas não têm olhos
E os pássaros têm mãos
Sossossegam as vertigens
Eu vejo azul claro e calmo onde tudo, tudo, tudo, tudo é azul.

Se eles
Olho
As estrelas e a lua
E só o que vejo é o céu.

E ele, está, azul.

ATENÇÃO

O acervo disponível para consulta neste site é composto de obras desenvolvidas pelos alunos do Núcleo de Dramaturgia do SESI/PR, e foram disponibilizadas tão somente para fins educacionais. Desta forma, é vedado ao usuário ou qualquer outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo deste site, copiar, modificar, transferir, sublicenciar, vender, ou de qualquer forma, colocar à disposição de terceiros, sem autorização do detentor dos direitos autorais.

**Contato da autora: Carol Damião
Email: caroldamiao@hotmail.com**